

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC**  
**CENTRO DE DESPORTOS – CDS**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – DEF**

**VICTOR SIMON CARDOSO**

**O ENSINO DAS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:  
POTENCIALIDADES E DESAFIOS**

**FLORIANÓPOLIS, 2018**

**VICTOR SIMON CARDOSO**

**O ENSINO DAS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:  
POTENCIALIDADES E DESAFIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina Seminário de Conclusão de Curso II, do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, como pré-requisito à aprovação. Departamento de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Michel Milistetd  
Coorientador: Prof. Me William das Neves Salles

**FLORIANÓPOLIS, 2018**

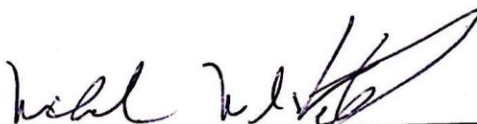
VICTOR SIMON CARDOSO

**O ENSINO DAS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:  
POTENCIALIDADES E DESAFIOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado na disciplina Seminário de Conclusão de Curso II (DEF 5875), do curso de licenciatura em Educação Física. Departamento de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina.

Nota \_\_\_\_\_

Banca Examinadora:



Dr. Michel Milistetd  
Orientador (CDS/UFSC)

Me William das Neves Salles  
Coorientador (CDS/UFSC)



Me. Marcos Paulo Vaz de Campos Pereira  
Membro (CEFID/UDESC)



Prof. Lic. Fabrício João Milan  
Membro (CDS/UFSC)

Florianópolis, 22 de novembro de 2018

Dedico este trabalho a  
minha família e a todos os  
alunos que fizeram parte  
dessa pesquisa.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por estar sempre ao meu lado, me guiando e me cuidando.

Agradeço a minha Vó (Sonia Farias) por cuidar de mim tão bem, e me dar todo amor e carinho, a pessoa ao qual dedico esta conquista de me formar em uma Universidade pública, sendo a pessoa que eu mais amei na vida. Agradeço a minha Tia Aldinha (Alda Régis Farias) por me mostrar o quanto podemos aprender e amar as pessoas com deficiência. Agradeço a Bisa (Alba Régis Farias) por todo carinho e puxões de orelha (*in memoriam*).

Agradeço a minha mãe (Nádia Farias Simon), que sempre batalhou para me proporcionar o melhor, por todo carinho e amor que sempre me deu, e por estar ao meu lado em todos os momentos que precisei. É a pessoa mais importante da minha vida!

Agradeço a minha namorada (Amanda Sacramento), por me apoiar e me incentivar nos estudos, sem ela essa trajetória seria mais difícil. E principalmente por todo amor e zelo que teve por mim.

Agradeço ao meu Mestre e Primo (Rangel Farias), minha maior inspiração e ídolo, por me ensinar o caminho dos esportes e me apresentar as Lutas, ao qual me tornei atleta profissional e sigo em busca desse sonho.

Agradeço ao meu Padrinho (Ricardo Farias Neves) e a minha Madrinha (Janaina Farias), por ajudarem na minha criação, sendo verdadeiramente meus segundos pais. Eu amo vocês.

Agradeço a minha família por sempre estarem comigo nos momentos bons e ruins, vocês são importantes demais na minha vida. (Tio Toninho, Tia Lenir, Rangély, Tia Sueli, Tia Nine, Ramon, Rodrigo, Tia Sueli, Tio Arnoldinho, Ana, Cris, Jojo, Jacque, Diogo, Mariah, Gabriela, Nicolas, Yan, Tio Ademir, Amanda, Alexandre e Adriano).

Agradeço ao meu grande amigo e melhor chefe (Henrique Junior) por todo conhecimento construído profissional e pessoal, apoio, respeito e consideração. Agradeço aos meus amigos e companheiros de anos (Oba, Darlan, Jean, Jo, Bi e Cena).

Agradeço a minha equipe e companheiros de luta Rangel Farias (Willian, Djalma, Hulck, Bitoca, Bigo, Juliano, Giacomo, Pedro, Bruno e Caio).

## RESUMO

### O ENSINO DAS LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: POTENCIALIDADE E DESAFIOS

**Autor:** Victor Simon Cardoso

**Orientador:** Prof. Dr. Michel Milistetd

**Coorientador:** Prof. Me. William das Neves Salles

A Educação Física escolar tem como objetivo introduzir e integrar os alunos na cultura corporal de movimento, tendo como função a formação de cidadãos críticos sobre suas práticas. Deste modo, produz, reproduz, transforma e instrumentaliza para que assim possa usufruir do esporte, jogos, danças, Lutas e ginástica. Assim como está presente nos conteúdos da Educação Física escolar, as Lutas também estão dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais. No entanto, dentre todos os conteúdos contemplados pela Educação Física escolar, um dos que mais sofre resistência a ser transmitido é o conteúdo Lutas, devido a uma série de divergências existentes na sociedade e na instituição. O objetivo desse trabalho, portanto, foi analisar as percepções de um professor e de seus alunos sobre realização de uma unidade de ensino sobre Lutas na Educação Física escolar. Este estudo se caracteriza como pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa das informações coletadas. Os participantes foram 25 estudantes matriculados no Colégio de Aplicação, localizado no campus Trindade da Universidade Federal de Santa Catarina pertencentes ao 9º ano B da escola. Utilizaram-se como técnica de coleta de dados a roda pedagógica e o diário de campo reflexivo ao fim de todas as aulas, com suporte de gravador de voz. Os dados foram analisados a partir dos procedimentos da análise de conteúdo. Foram ministradas seis aulas ao longo do período de intervenção, sendo duas aulas de cada modalidade (Karatê, Muay Thai e Jiu-Jitsu). Os resultados encontrados indicaram que os alunos tiveram grande aceitação e se mostraram com muito interesse a respeito do conteúdo Lutas, mesmo este sendo pouco trabalhado dentro da Educação Física escolar. A modalidade Muay Thai foi a que despertou maior interesse nos alunos, seguida do Karatê. Por fim, pode-se observar maior resistência com o conteúdo Jiu-Jitsu. Conclui-se que os alunos não fizeram, em nenhum momento, associações de violência com o conteúdo que foi transmitido. Pelo contrário, relacionavam a luta com aspectos positivos, quebrando um tabu ainda presente na sociedade de que as Lutas são sinônimo de brigas.

**Palavras-chave:** Ensino; Lutas; Educação Física escolar.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>4</b>
1.1 O PROBLEMA E SUA IMPORTÂNCIA .....	4
1.3 OBJETIVOS .....	7
1.3.1 Objetivo Geral .....	7
1.3.2 Objetivos Específicos .....	7
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>8</b>
2.1 LUTAS .....	8
2.1.1 Karatê .....	9
2.1.2 Muay Thai .....	10
2.1.3 Jiu-Jitsu .....	11
2.2 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR .....	11
2.3 LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR .....	14
<b>3 MÉTODOLOGIA .....</b>	<b>16</b>
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....	16
3.2 CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO .....	16
3.3 PARTICIPANTES .....	17
3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS .....	17
3.5 PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS .....	18
3.6 TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS .....	19
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>20</b>
4.1 KARATÊ .....	20
4.1.1 Pontos positivos das aulas de Karatê .....	21
4.1.2 Dificuldades encontradas nas aulas de Karatê .....	22
4.2 MUAY THAI .....	23
4.2.1 Pontos positivos das aulas de Muay Thai .....	25
4.2.2 Dificuldades encontradas nas aulas de Muay Thai .....	28
4.3 JIU-JITSU .....	29
4.3.1 Pontos positivos das aulas de Jiu-Jitsu .....	29
4.3.2 Dificuldades encontradas nas aulas de Jiu-Jitsu .....	30
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>34</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 O PROBLEMA E SUA IMPORTÂNCIA

Segundo Darido (2012), ainda é preciso esclarecer o conceito da Educação Física escolar. Darido (2012) afirma que os conteúdos são como saberes culturais cuja assimilação é essencial, pois assim produzem uma socialização e o desenvolvimento do aluno. Betti (2002) diz que a Educação Física escolar tem como objetivo introduzir e integrar os alunos na cultura corporal de movimento, tendo como função a formação de cidadãos críticos sobre suas práticas, deste modo, produz, reproduz, transforma e instrumentaliza para que assim possa usufruir do esporte, jogos, danças, Lutas, atividades rítmicas e etc. O autor ainda ressalta que essa integração com a cultura corporal de movimento dá-se de forma plena, englobando as questões cognitivas, sociais, afetivas e motoras.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), é função da Educação Física escolar trabalhar os repertórios culturais locais a partir das experiências já vividas pelas crianças, porém é necessário que também garantam o acesso a experiências que não teriam fora do ambiente escolar. Segundo Darido (2012), a Educação Física não deve se limitar somente a ensinar os esportes, as ginásticas, os jogos, as Lutas e as danças, mas também valores sociais e atitudes positivas aos alunos, garantindo a eles o direito de saber o porquê de estarem realizando aqueles movimentos e de saber os conceitos ligados a esses procedimentos. A autora ainda faz uma problematização sobre a simplificação dos conteúdos da Educação Física escolar. Especificamente, ressalta a realização de práticas de somente uma parte da cultura corporal: os esportes coletivos – em especial o Futebol, o Voleibol, o Handebol e o Basquetebol.

Darido (2012) defende a importância da diversificação dos conteúdos abordados nas aulas de Educação Física, facilitando a adesão do aluno às práticas corporais, uma vez que aumentam as chances de uma possível identificação com a prática. Cabe aos professores de Educação Física escolar a inclusão de todos os alunos nos conteúdos que propõem, adotando estratégias



adequadas para isso, expondo o direito de todos os alunos a ter acesso ao conhecimento produzido pela cultura corporal.

Dentre os conteúdos que podem ser trabalhados na Educação Física escolar estão as Lutas. O termo “Lutas”, pode representar e dar significado a alguns acontecimentos sociais como por exemplo: Luta de classes, luta pelo direito da mulher, pela vida, entre outros. No sentido da pesquisa, o conceito sobre “Lutas” refere-se ao sentido dos embates físicos onde existem intenções de subjugações entre os envolvidos com origem de conflitos interpessoais, de ideias e posicionamentos. (ANTUNES, 2016)

Rufino (2013) defende a ideia que as Lutas são manifestações culturais importantes, assim como danças, atividades rítmicas, jogos e esportes. Além disso, são práticas corporais historicamente construídas a partir de necessidades com a sobrevivência e a ludicidade.

No entanto, as Lutas ainda têm sido pouco trabalhadas nas escolas. Carreiro (2005) *apud* Rufino e Darido (2013) sustenta o argumento que dentre todos os conteúdos contemplados pela Educação Física escolar, o que mais sofre resistência a ser transmitido é o de Lutas, devido a uma série de divergências e preconceitos existentes na sociedade e nas instituições escolares. O autor aponta algumas questões adotadas pelos professores de Educação Física como justificativa para não trabalharem as Lutas, tais como: falta de espaço, falta de vestimenta adequada e associação desta prática com questões de violência. O autor ainda sugere, ao professor que não conhece o conteúdo de Lutas apropriadamente, que busque conhecimento sobre ele em livros, revistas e internet. Portanto, Rufino e Darido (2013) asseguram que não é necessário grande aprofundamento nos conteúdos sobre Lutas para que sejam passados aos alunos na Educação Física escolar.

Diante do exposto, este estudo se propõe a investigar quais são os impactos da implementação de um módulo de ensino sobre Lutas nas aulas de Educação Física escolar.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

A escolha pelo tema encontra suporte em meu envolvimento com as Lutas desde meus seis anos de idade. Após a iniciação ao Taekwondo, conquistei

vários títulos estaduais e nacionais, chegando até participar de torneios em nível Pan-americano. Nesta modalidade, fui graduado até a faixa ponta preta. Em seguida, migrei para o Muay Thai com 12 anos de idade, conciliava meus treinos junto com a escola, foi uma fase muito boa na minha vida, minha autoestima decolou junto com todos os outros benefícios que essa arte proporciona. O gosto e o profissionalismo pela modalidade era tanto que em 2011, com 16 anos, viajei para a Tailândia (berço do Muay Thai) para treinar por dois meses. A experiência foi maravilhosa e os ensinamentos foram gigantes, tanto na questão técnica, cultural e pessoal. Logo na volta ao Brasil, fiz minha primeira luta profissional de Muay Thai, desde então nunca parei, hoje sou atleta com 9 Lutas invictas e professor faixa preta. Também dei sequência aos treinos de MMA (*Mixed Martial Arts*), onde tenho cinco Lutas profissionais e três Lutas invictas no boxe profissional. Outra modalidade ao qual me destaquei foi o boxe, comecei a treinar boxe amador, onde tive várias vitórias e conquistei o título de campeão catarinense de 2012 na categoria 75 quilos. Em todas as modalidades, fui incentivado e ensinado por meu primo e mestre, que é reconhecido mundialmente no mundo das Lutas.

Reconheço que as Lutas têm uma certa resistência a serem transmitidas pelos professores nas aulas de Educação Física escolar devido a dificuldades com o desconhecimento e preconceito da prática, bem como produção acadêmica insuficiente para auxiliar as práticas pedagógicas. Mesmo assim, considero que o ensino das Lutas na Educação Física escolar seja de suma importância, devido ao fato de proporcionar vivências aos alunos que talvez nunca iriam ter. Para que isso seja possível, é necessário apresentar as Lutas nas escolas como conteúdo sistemático, e não com o conceito de que as Lutas são sinônimo de violência. Também é importante trazer aos alunos uma experiência ímpar, permeada por valores positivos, atitudes a serem tomadas, histórias e conceitos socioculturais sobre as Lutas e, principalmente, o respeito e a diferença entre adversário e inimigo.

A escolha pelas 3 modalidades apresentadas aos alunos se deu a partir do cronograma proposto pela professora regente da turma, onde já apresentava a modalidade de Karatê, conseqüentemente esta obrigatoriamente deveria estar inserida na pesquisa. As outras modalidades foram escolhidas com base nas experiências do acadêmico pesquisador.

### 1.3 OBJETIVOS

#### 1.3.1 Objetivo Geral

Caracterizar o processo de implementação do conteúdo de Lutas no Ensino Fundamental em um Colégio de Aplicação.

#### 1.3.2 Objetivos Específicos

- Estruturar e aplicar uma unidade de ensino sobre Lutas na Educação Física escolar
- Identificar e analisar as percepções das crianças participantes a respeito do seu próprio desenvolvimento pessoal ao longo da unidade
- Avaliar a prática pedagógica e o desenvolvimento enquanto docente nesse processo

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 LUTAS

O ato de lutar é bem conhecido pela humanidade. As Lutas sempre estiveram presentes na natureza por meio dos animais e dos humanos. De maneira bem simples, não há como denominar uma origem específica das Lutas, levando-se em consideração que desde a era pré-histórica os homens utilizavam de suas manifestações corporais (Lutas) com diferentes objetivos. Um dos principais objetivos era a autodefesa, ou sobrevivência (BRASIL, 2016). Existem evidências de Lutas durante todas as eras da humanidade, passando por babilônios, egípcios, chineses, japoneses, gregos e romanos desde milhares de anos antes de Cristo até nos dias atuais (BRASIL, 2016).

Os primeiros indícios das Lutas de maneira organizada, para Mazzoni e Oliveira Jr. (2011), foram na Índia e na China. Várias modalidades e sistemas foram criados, mas naquela época e, especificamente, nesses povos, as técnicas e conhecimentos não eram tão fáceis de ser adquiridos. Os mestres escolhiam a quem iriam passar seus ensinamentos, pois não havia muitos registros em documentos, e os governantes desses territórios tinham muito medo de possíveis rebeliões. A técnica, na época, era passada de forma oral. Em contrapartida, foram os Gregos que introduziram a luta de forma sistemática no mundo dos esportes através dos Jogos da Grécia antiga no século VII antes de Cristo. Com o passar dos anos, as diferentes modalidades de Lutas foram se difundindo, se modificando e evoluindo.

Existem duas vertentes das Lutas (as orientais e as ocidentais), sendo as mais antigas foram as Lutas do oriente. Seguem alguns exemplos de Lutas orientais e seus respectivos países: China – Wushu (Kung Fu ou Boxe Chinês), Jeet Kune Do (Estilo do Bruce Lee), Tai Chi Chuan, Pa Kua, Hsing-I; Japão – Karatê, Judô, Jiu-jitsu, Ninjutsu, Kendo, Aikido, Sumo; Coreia – Tae kwon Do, Tang Soo Do; Tailândia – Muay Thai; Israel – Krav Magá. No Ocidente, por sua vez, destacam-se os EUA e a Inglaterra com o Wrestling, o Full Contact, o Kickboxing e o Boxe; no Brasil, evidenciam-se a Capoeira e a Luta Livre (MAZZONI; OLIVEIRA JR., 2011).

### 2.1.1 Karatê

Historicamente, o Karatê teve seus primeiros indícios na ilha de Okinawa, situada hoje no Japão, por volta do século XVIII. Karatê, de origem japonesa que significa “Mãos vazias”, é uma arte muito estudada cientificamente, pois tem como fim a defesa pessoal. A filosofia e a disciplina do Karatê são bastante rigorosas, com maior ênfase na questão de valores como companheirismo, empatia e respeito. Isso faz com que o praticante se torne uma pessoa forte fisicamente, mentalmente e, principalmente, de boa índole, através do trabalho árduo dos treinamentos (CONFEDERAÇÃO, 2018).

As Lutas desarmadas eram ensinadas e treinadas em segredo, pois na aquela época, especificamente nos países em volta do Japão, os governantes com medo de rebeliões (devido ao fato de ser quase normal a tomada de territórios pelo imperialismo), proibiam o uso de qualquer tipo de arma. Desse motivo também provém o significado da palavra Karatê (CONFEDERAÇÃO, 2018).

O Karatê moderno nasceu na época em que o finado Mestre Gichin Funakoshi (1868-1957), então líder da Sociedade Okinawa de Artes Marciais, foi solicitado pelo Ministério da Educação do Japão, em maio de 1922 a conduzir apresentações de Karatê em Tóquio. A nova arte foi recebida entusiasticamente e foi introduzida em várias universidades, onde criou raízes e começou a florescer. Devido ao fato do Karatê ter sido praticado secretamente no passado, um grande número de escolas e estilos (Ryus) foram desenvolvidos. Hoje existem inúmeras escolas no Japão, sendo as mais destacadas: Shotokan, Goju-Ryu, Shito-Ryu e Wado-Ryu, todas com ramificações pelo mundo afora. (CONFEDERAÇÃO, 2018)

Os golpes básicos do Karatê são o soco e o chute frontal, denominados respectivamente de Zuki e Mae Gueri. O Zuki, de maneira simples, é uma troca de braços a frente do praticante. A altura do golpe é na linha do próprio ombro, com direcionamento do osso externo; quando uma mão está realizando o soco com a palma da mão para baixo, a outra deve estar posicionada fechada ao lado do quadril com a palma da mão voltada para cima. O chute Mae Gueri é uma flexão e extensão de quadril e joelho de forma explosiva à frente. Em uma base livre, o praticante irá flexionar o quadril trazendo o seu calcanhar próximo da coxa e, em seguida uma explosão, estendendo seu quadril e joelho rapidamente

para a realização do golpe. Uma das bases de luta presente na modalidade é a Zenkutsu-Dachi. Para a realização da mesma, o praticante deve manter a perna da frente flexionada, fazendo com que o joelho se mantenha em uma linha reta em cima do calcanhar e a perna de trás totalmente esticada, com seu quadril voltado para a frente (CONFEDERAÇÃO, 2018).

### 2.1.2 Muay Thai

O Muay Thai tem origem Tailandesa e é uma arte milenar, com indícios de 2.000 anos atrás. O significado da palavra Muay Thai, para algumas regiões, é o de “Arte Livre”, enquanto para outras é “Arte Dura”. O Muay Thai é conhecido como a arte das oito armas, pois se utiliza em combate dos pés/canelas, joelhos, cotovelos e punhos é uma arte marcial muito intensa e rigorosa (CBMT, 2018).

A arte possui muitos rituais como filosofia, e visa principalmente o respeito com todos os envolvidos a sua equipe e com a modalidade em si. A arte, nos seus primórdios, era bem diferente da que conhecemos hoje; ela sofreu muitas alterações para que pudesse de tornar uma luta bem praticada e difundida no mundo. Antigamente não se utilizava de equipamentos como luvas e caneleiras, enquanto atualmente as regras que envolvem a modalidade deixam-na mais acessível para o aprendizado (CBMT, 2018).

Mas, muitas coisas restaram das antigas Lutas, como o uso de um conjunto musical com antigos instrumentos e que serve para dar o ritmo da luta. Conforme a luta está muito amarrada, sem ação, os músicos aumentam o ritmo de sua música para aumentar o ritmo de luta dos lutadores. Este conjunto é formado pelos seguintes instrumentos: três tipos de tambores diferentes, címbalos e flautas de "Java". Outra tradição mantida é o uso do Wai Kru. O qual é uma dança ritual que serve para homenagear o treinador, seus pais, sua escola de Muay Thai, os antigos lutadores de seu ginásio, seus professores na escola, etc. Outra tradição que é mantida no Muay Thai é o uso do "Mongkon" O "Mongkon" é uma faixa a qual é colocada na cabeça dos lutadores para protegê-los antes da luta e que é retirada após o Rammuay. A "Kruang" é uma corda trançada que é colocada em um ou nos dois braços do oponente também com o objetivo de proteção, suas cores estão relacionadas com as preferências de cores do lutador, no Brasil é usado como graduação.

Os golpes mais conhecidos no Muay Thai são os retos, denominados de Jab e Direto, soco com a mão da frente e soco com a mão de trás, respectivamente. Em seguida, destacam-se os chutes laterais com três alvos

principais (as coxas, costelas e a cabeça), as joelhadas e suas variações (joelhada com perna de trás e da frente, joelhada saltado, joelhada “pedalando”, joelhada com “step”) e as cotoveladas (ascendente, descendente e lateral) (CBMT, 2018).

### 2.1.3 Jiu-Jitsu

O Jiu-Jitsu tem sua origem com uma raiz japonesa, e se utiliza essencialmente de técnicas de torsões, imobilizações, estrangulamentos e alavancas para poder subjugar o adversário. A palavra Jiu-Jitsu significa “Arte Suave”, pois muitos mestres apontam que não se necessita da força para a prática dessa modalidade, mas da técnica. O motivo pelo qual a arte foi criada foi uma possível dificuldade encontrada em uma guerra, onde o samurai perderia sua arma e tinha de saber técnicas para se utilizar enquanto estivesse desarmado (GRACIE, 2018).

O Jiu-Jitsu se tornou muito conhecido aqui no Brasil através da família Gracie. Especificamente, Carlos e Helio Gracie fizeram várias alterações na modalidade tornando-a ainda mais eficaz. Atualmente, os lutadores mais bem-conceituados na modalidade são brasileiros, e a filosofia da prática também teve grande mudanças (GRACIE, 2018). Algumas técnicas básicas do Jiu-Jitsu são algumas posições como a guarda (posição de defesa), algumas chaves, estrangulamentos e posições de inversões (GRACIE, 2018).

## 2.2 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

No século 18 surgiu a expressão “Educação Física” em obras de filósofos que buscavam uma educação integral: corpo, mente e espírito. A Educação Física vinha para somar-se à educação intelectual e moral. No Brasil, a Educação Física manifestou-se no ano de 1920 como uma atividade complementar e separada dos currículos escolares, com objetivos de treinamento militar, preparação para atletas e nacionalismo. (QUEIROZ, 2012). Houve um esgotamento desse padrão de Educação Física escolar, surgindo então a ideia de cultura corporal de movimento, a qual estimulou o aprimoramento da investigação científica e filosófica em torno do exercício, da atividade física e da motricidade. (QUEIROZ, 2012).

A Educação Física escolar, enquanto componente curricular da Educação Básica, deve assumir o papel de introduzir e integrar o aluno à cultura corporal de movimento, “formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das Lutas, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida” (BETTI, 2002; p. 75).

Para isso, não basta aprender habilidades motoras e desenvolver capacidades físicas, aprendizagem esta necessária, mas não suficiente. Se o aluno aprende os fundamentos técnicos e táticos de um esporte coletivo, precisa também aprender a organizar-se socialmente para praticá-lo, precisa compreender as regras como um elemento que torna o jogo possível (portanto é preciso também que aprenda a interpretar e aplicar as regras por si próprio), aprender a respeitar o adversário como um companheiro e não um inimigo, pois sem ele não há competição esportiva. (BETTI, 2002, p. 75)

Segundo Darido e Souza Júnior (2007), é papel do professor de Educação Física trazer problematizações para suas aulas, discussões, interpretações, reflexões e análises juntamente a seus alunos. Além disso, deve-se trabalhar com as diferentes manifestações da cultura corporal de movimento, fazendo com que os alunos compreendam os verdadeiros sentidos e significados intrínsecos nas práticas corporais. Isto os permite ultrapassar a ideia de que a Educação Física escolar está voltada apenas para o ensino do gesto motor “correto”.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), a concepção de cultura corporal desenvolve a contribuição da Educação Física para o exercício da cidadania, tendo em vista que seus conteúdos propõem desenvolver produtos socioculturais. Além disso, assume uma perspectiva metodológica de ensino e aprendizagem que busca a autonomia, cooperação e participação social. A Educação Física abre espaço para as discussões importantes sobre aspectos éticos e sociais. Além disso, permite que se vivencie diferentes práticas corporais advindas das mais diversas manifestações culturais e se perceba como essa variada combinação de influências está presente na vida cotidiana. De fato, “as danças, esportes, Lutas, jogos e ginásticas, compõem um vasto patrimônio cultural que deve ser valorizado, conhecido e desfrutado” (PCN, 1997; p. 24). Assim, esse conhecimento contribui para uma postura não-preconceituosa e discriminatória diante das manifestações e expressões dos diferentes grupos étnicos e sociais. Além disso, a prática da Educação Física na escola poderá



fomentar a autonomia dos alunos nas próprias atividades, regulando o esforço, traçando metas, conhecendo as potencialidades e limitações e sabendo distinguir situações de trabalho corporal que podem ser prejudiciais.

A partir desta visão de Educação Física escolar, Coll et al. (2000), propuseram três dimensões dos conteúdos, com o objetivo de maximizar o horizonte sobre as possibilidades de abordagem dos conteúdos que devem ser ensinados – o que também ampliou o papel da educação dentro da escola. Os autores classificam os conteúdos nessas três dimensões, e cada qual responde a um questionamento: O que se deve saber? (dimensão conceitual); O que se deve fazer? (dimensão procedimental); como se deve ser? (dimensão atitudinal).

Zabala (2001) entende que a dimensão procedimental diz respeito a um conjunto de ações que permitem chegar a um fim. A aprendizagem dos procedimentos implica nos fazeres práticos. Porém, não basta apenas demonstrar ao aluno um movimento, pois ele deve saber o real motivo pelo qual está fazendo aquela determinada ação. Claro que não podemos desconsiderar a técnica e a execução correta, mas é importante adicionar uma explicação e um significado para qualquer movimento para que o aprendizado faça mais sentido.

A dimensão conceitual, conforme Zabala (2001), é vista como muito importante, pois abrange os conceitos e princípios de cada conteúdo. Contudo, essa dimensão não pode se restringir a uma definição fechada, pois vai depender de estratégias adotadas pelos professores para buscar a atenção e o interesse dos alunos para as modalidades. Esta dimensão está em constante desenvolvimento e, por isso, é necessário que os professores de Educação Física mantenham-se em constante atualização a partir de leituras sobre os temas com os quais estão lidando. Algumas das questões mais importantes pertinentes a tópico dizem respeito ao embasamento teórico e ao aspecto histórico; isso faz com que os conteúdos se tornem sólidos e com apropriação mais crítica e reflexiva das modalidades.

Por fim, Zabala (2001) compreende a dimensão atitudinal como estando relacionada aos conteúdos transmitidos com valores e normas à prática educativa. O autor defende que essa dimensão deve ser frequente nas aulas, dando ênfase às relações pessoais que cada indivíduo estabelece. Mauri (2001) indica que a aprendizagem de atitudes e valores está relacionada com a forma que executamos nossas próprias ações. Por isso, a dimensão atitudinal precisa

estar explícita na forma como o professor de Educação Física transcende sua aula. Conduzir a aula e deixar claros esses valores é de fundamental importância para a compreensão dos alunos em relação aos valores transmitidos.

### 2.3 LUTAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

As Lutas fazem parte da cultura corporal, assim como as danças, as atividades rítmicas, os jogos, os esportes e as atividades circenses. É importante, portanto, promover ao aluno o contato com essas vivências, possibilitando reflexões críticas sobre as práticas e o mundo. É evidente a importância do conteúdo Lutas na Educação Física escolar, de modo que se faz necessário compreender os processos didático-metodológicos que contribuem para a efetivação do processo de ensino-aprendizagem das Lutas na escola (RUFINO; DARIDO, 2015).

Ao mesmo tempo que compreendemos as Lutas como conteúdo de importância, não podemos negar a falta de sistematização para o ensino, levando em consideração que não há indicações de quando ensinar, como ensinar e o que ensinar. Segundo Carreiro (2005), professores relatam falta de espaço, materiais, vestimenta adequada e associações com a violência como motivos para não abordarem este conteúdo em suas aulas. Porém, o autor sugere que o professor que não conhece o conteúdo pode aprender em livros, na internet e até com os próprios alunos. Os autores Barros e Gabriel (2011) defendem que uma das maiores dificuldades é a insegurança dos professores, pois muitos acham que é preciso ser um ex-praticante de alguma modalidade para poder ensinar. Além disso os autores propõem que devem ser tratadas algumas questões como a história de determinadas práticas, a conceituação de algumas modalidades, curiosidades, e a diferença entre lutar e brigar (BARROS; GABRIEL, 2011).

Olivier (2000), autor da obra “Das brigas aos jogos com regras: enfrentando a indisciplina na escola”, sustenta a ideia de que os jogos de oposição (dentre os quais se encaixam as Lutas) podem desenvolver comportamentos e valores dos alunos como a disciplina, a empatia, o respeito, e o companheirismo.

Ao vivenciar os Jogos de Oposição, o aluno experimenta situações de disputa que o conduzem ao conhecimento sobre o seu próprio corpo e seus limites e sobre estas mesmas noções em relação ao companheiro de atividade. De acordo com esses autores, os alunos aprendem a lidar com a contradição entre o risco e a segurança, ou seja, atacar e simultaneamente defender-se, assegurando sua integridade física e a de seu parceiro de atividade e ambos aprendem a comprometer-se num contato corporal próximo, a ajustar rapidamente suas reações em relação aquelas de seu companheiro, a dominar adequadamente uma situação conflituosa de corpos a corpos, aceitando perder sem dramatizar a derrota e adquirem comportamentos os quais serão utilizados no exercício de sua cidadania através da responsabilidade e da autonomia (SOUZA JR., 2010, p.1).

### 3 MÉTODOLOGIA

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa das informações coletadas.

A pesquisa descritiva tem como objetivo principal descrever as características de uma determinada população ou fenômeno. Visa, também descobrir possível existência de associações entre variáveis (GIL, 2002).

Por abordagem qualitativa, entende-se que ao pesquisar e produzir conhecimento através de fenômenos humanos e sociais, é de importância fundamental compreendê-los e interpretá-los. (TOZONI-REIS, 2009).

Nessa direção, o estudo busca analisar quais foram os impactos da implementação de uma unidade de ensino sobre Lutas dentro da Educação Física escolar, com base na estruturação e aplicação de seis aulas (intervenções) sobre o conteúdo. Três modalidades diferentes foram abordadas na seguinte ordem: Karatê, Muay Thai e Jiu-Jitsu. Foram ministradas duas aulas para cada modalidade de luta.

#### 3.2 CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO

A escola federal investigada localiza-se no bairro Trindade, em Florianópolis, dentro do campus da Universidade Federal de Santa Catarina. A escola foi construída em 1961 e denominada de Ginásio de Aplicação, com o intuito de servir de campo de estágio para os alunos matriculados nos cursos de Didática, da Faculdade Catarinense de Filosofia (FCF). A escola compreendia, no princípio apenas a 1ª série ginásial. Entretanto, a cada ano que se passava acrescentavam uma nova série até formar as quatro séries do ciclo ginásial. Em 1970, o nome da escola foi substituído de Ginásio de Aplicação para Colégio de Aplicação, e nos anos subsequentes, acrescentaram as séries do Ensino Fundamental. Até 1992, os alunos que frequentavam o colégio eram filhos de professores e servidores técnico-administrativos da Universidade Federal de Santa Catarina. Após esse ano, o ingresso dos alunos passou a ocorrer por sorteio aberto à população. O Colégio de Aplicação, atualmente, proporciona o

desenvolvimento de práticas pedagógicas e estágios para os cursos de licenciatura da UFSC (COLÉGIO DE APLICAÇÃO, 2018).

No que diz respeito à estrutura atualmente disponibilizada pela escola para as atividades da disciplina Educação Física, destaca-se a presença de um ambiente externo bem amplo, com pátios, campo de areia, áreas verdes planas, galpão e uma quadra poliesportiva ao ar livre. Além dos espaços mencionados, a instituição possui materiais de suporte como bolas de todos os tipos e tamanhos, skates, patinetes, cones e bambolês para as práticas da cultura popular de movimento. Conta, também, com salas bem cuidadas, carteiras confortáveis e salas bem iluminadas com ar condicionado e projetores. Além de todo o aparato fornecido pelo colégio, por se tratar de uma escola de aplicação e uma instituição pertencente à UFSC, a instituição tem o direito de utilizar os ginásios, as quadras, as piscinas e os materiais existentes no Centro de Desportos (CDS) da UFSC.

O motivo pelo qual escolhi o Colégio de Aplicação como campo de pesquisa foi o fato de ter cursado minha Educação Básica nesta escola, ter familiares que já foram professores do colégio e parentes que já estudaram lá, também. Outro fator importante pela escolha foi uma meta pessoal que tracei em minha mente: voltar ao colégio como estudante universitário e realizar minha monografia nesse espaço, com os alunos da escola onde estudei.

### 3.3 PARTICIPANTES

Os participantes do presente estudo foram 25 estudantes matriculados no Colégio de Aplicação pertencentes ao 9º ano B da escola. Os alunos tinham entre 14 e 16 anos e frequentavam as aulas de Educação Física, que no caso da escola, a partir do 5º ano do Ensino Fundamental começam a ocorrer no contraturno das aulas das demais disciplinas. Os alunos entram na escola por meio de sorteio, devido a este fator, possuem realidades sociais diferentes. Não haviam alunos com deficiência na turma. Além dos alunos do colégio, o próprio acadêmico-pesquisador foi participante da investigação.

### 3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Foram promovidas rodas de conversa ao final de cada uma das aulas ministradas. Com auxílio de gravador, realizou-se a gravação das percepções dos alunos da turma sobre a prática, qual o nível de conhecimento e familiaridade da turma com as modalidades, qual o envolvimento percebido pela turma, quais as possibilidades e os limites daquela modalidade, o que poderia ser melhorado nas aulas, o que eles gostaram mais ou o que não gostaram, quais as sensações que eles tiveram sobre si mesmos ao estarem realizando as práticas.

Além da roda de conversa, utilizou-se um diário de campo reflexivo, com o intuito de fazer anotações sobre reflexões de todo o processo deste estudo, desde as observações até as intervenções. O diário foi um caderno em branco, onde o autor anotou eventos marcantes das observações, falas dos alunos durante as intervenções e algumas melhorias sugeridas para as aulas.

### 3.5 PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS

O processo de intervenção foi composto por seis aulas, sendo duas de Karatê, duas de Muay Thai e duas de Jiu-Jitsu. No cronograma da professora de Educação Física da turma, havia apenas a modalidade de Karatê. Após diálogo com a mesma, foi possível realizar as outras modalidades.

Com o auxílio do gravador, foi gravada toda a parte da roda de conversa, tudo o que foi falado pelos alunos. Quando os mesmos não estavam muito participativos, o pesquisador procurou instigar os alunos com perguntas amplas, para que as respostas não ficassem apenas como “sim” e “não”. Esta estratégia estimulou os alunos a expressarem verdadeiramente, de forma voluntária, suas percepções sobre cada aula realizada.

Com o uso do diário de campo reflexivo, o pesquisador teve a oportunidade de descrever momentos importantes de cada aula ministrada. Possíveis falas positivas ou negativas dos alunos, algum gesto afetivo ou um ato não tão positivo. O pesquisador registrou, de maneira individual, suas percepções sobre a turma pesquisada.

Neste sentido, o diário se constituiu como ferramenta metodológica de muita importância, pois com sua utilização periódica, o pesquisador pode refletir profundamente sobre os acontecimentos das aulas. O diário também permitiu ao pesquisador ficar mais consciente em relação ao seu processo de evolução

profissional. Finalmente, o diário favoreceu o estabelecimento de conexões dos entre os conhecimentos práticos e disciplinares, permitindo ao professor tomar decisões mais bem fundamentadas (BARBOSA et al., 2017).

### 3.6 TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

Os dados das rodas de conversa foram transcritos literalmente, utilizando de expressões populares, gírias e palavras repetidas. A análise do diário de campo foi realizada de forma crítica, onde o autor fez reflexões sobre os fatos e identificou quais mudanças significativas aconteceram nas intervenções.

Os dados foram analisados pelos procedimentos de análise de conteúdo de Bardin (2011), sustentado pelas orientações de Gil (2008). Nesse sentido, foram construídas categorias de análise a partir dos dados coletados.

A análise aconteceu com em três etapas cronológicas, sendo eles: a) pré-análise, b) exploração do material, e c) tratamento dos resultados, inferência e interpretação (BARDIN, 2011).

Na pré-análise, foi organizado o material coletado e ocorreu uma leitura fluante. O objetivo desta etapa foi transformar os dados coletados em trechos mais operacionais. Na exploração do material, criaram-se três categorias de análise: “Como ocorreram as aulas?”; “Quais foram os pontos positivos das aulas?”; “Quais foram as dificuldades encontradas nas aulas?”. Com isso, tornou-se mais prático o trabalho do acadêmico-pesquisador porque foram dados relevância, sentido e aprofundamento aos dados coletados. Na terceira etapa foi feita uma reflexão crítica dos resultados já obtidos, a partir da qual se elaborou uma descrição dos dados coletados. Além disso, buscou-se dar significado ao material coletado a partir da interpretação pessoal e da discussão com a literatura.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 KARATÊ

O primeiro tópico abordado foi o Karatê. O início da primeira aula foi marcado por um breve diálogo sobre os conhecimentos que os estudantes possuem sobre as Artes Marciais/Lutas em geral, onde o acadêmico-pesquisador explicou conceitos e lições sobre as mesmas. Em seguida, foi perguntado especificamente se os alunos conheciam a modalidade Karatê. No segundo momento da primeira aula, o acadêmico-pesquisador apresentou aspectos históricos do Karatê, como foi criado, onde, e qual era o objetivo. Segundo Rufino e Darido (2015), deve-se trabalhar outras questões além das vivências práticas, tais como como a conceituação de modalidades, a história de determinadas práticas, algumas curiosidades, entre outras questões.

Na sequência, o pesquisador ensinou a base de luta do karatê (Zenkutsu-Dachi) e alguns golpes básicos como o soco (Zuki), o chute frontal (Maigeri) e uma defesa básica: a defesa alta (Age Ute). Com isso, no final da aula foi realizada uma roda pedagógica onde o pesquisador escutou e gravou a opinião dos alunos sobre o ensino do conteúdo de Lutas/artes marciais na Educação Física escolar e suas percepções específicas em relação ao Karatê.

A segunda aula da modalidade se iniciou com um breve diálogo com a turma lembrando a aula passada, acrescentando mais algumas indagações do contexto/conteúdo histórico do Karatê. O segundo momento da aula foi marcado por alongamentos e, posteriormente, aquecimento. Foram formadas duas equipes e uma das equipes tinha como objetivo proteger alguns objetos que estavam dentro de um círculo, já a outra equipe tinha que tentar pegar os objetos. Para entrar no círculo, os alunos tinham que utilizar a base do Karatê que foi aprendida na aula anterior e não poderiam usar as mãos, as quais seriam utilizadas apenas para pegar os objetos. Não podemos negar a forte relação da luta com os jogos de combate ou de oposição, porém trabalhado de forma lúdica e pedagógica, não há um contato agressivo entre as equipes, oportunizando assim a vivência da luta através de jogos e brincadeiras (JUNIOR; SANTOS, 2010 *apud* CONCEIÇÃO, 2016).



Na terceira parte da aula os alunos experimentaram as técnicas dos golpes de Karatê com o auxílio de aparadores (materiais específicos das artes marciais) levados pelo acadêmico-pesquisador. No último momento da aula foi feita a roda pedagógica, na qual foram feitas perguntas sobre a percepção dos alunos diante do conteúdo de Lutas e qual a relevância da Educação Física sobre este assunto.

#### 4.1.1 Pontos positivos das aulas de Karatê

O que chamou mais a atenção do acadêmico-pesquisador foi o interesse dos alunos com o conteúdo Lutas, pois todos se mostraram muito participativos e envolvidos com a temática, indagando o pesquisador e relacionando o conteúdo com o próprio dia-a-dia devido ao fato de haver alunos praticantes das artes marciais no período extracurricular.

*“É eu acho muito importante o ensino das Lutas na escola, porque às vezes pode ter algum atleta dentro da sala de aula ou uma pessoa que não conhece e tem interesse em aprender. Também acho importante porque na escola às vezes acontecem muitas discussões. O aluno que tem conhecimento sobre essa filosofia da arte marcial não vai querer brigar com outra pessoa, porque ela já vai saber as consequências que isso pode dar. Se vocês não sabem, por exemplo, se tem algum estudante que pratica artes marciais e se ele tiver registro de brigas fora da academia ele pode até ser banido da academia.” (Aluno 1)*

Durante as aulas ministradas pelo pesquisador, foi notável a expectativa dos alunos com as aulas, que em todo o momento faziam perguntas sobre quais atividades eles iriam praticar. Por exemplo, o Aluno 2 fez a seguinte pergunta: *“Vai ter Muay Thai, professor?”* Ferreira (2006, p. 41) afirma que “é inquestionável o poder de fascinação que as Lutas provocam nos alunos. Atualmente, constata-se que o tema está em moda, seja em desenhos animados, em filmes ou em academias.”

O posicionamento do Aluno 3, com a concordância da maioria dos alunos da turma, foi que as Lutas são importantes nas aulas de Educação Física escolar, pois se faz uma diversificação dos conteúdos, trazendo temas diferentes para a aula e saindo daquele “mundo” dos esportes hegemônicos.

*“Acho que seria tipo uma oportunidade, porque na Educação Física a gente viu só aula de futebol e de handebol, e a luta é uma coisa nova. Muita gente tem curiosidade e pode acabar gostando do esporte.” (Aluno 3)*

Segundo Rufino e Darido (2015), a luta é um conteúdo importante a ser ensinado pois compõe o universo da cultura corporal, tendo a mesma importância dos demais pilares encontrados no universo dos conteúdos a serem construídos na Educação Física, tais como dança, atividades rítmicas, esportes, jogos, atividades circenses e ginásticas.

Outro ponto bastante relevante foi a percepção dos alunos relacionada à filosofia da arte do Karatê. Neste sentido, a maioria dos alunos comentou sobre o respeito e a disciplina que a arte prega, como o aluno 4 diz:

*“É uma modalidade que tem bastante disciplina e prega muito o respeito. Acho que todas as Lutas são bem rigorosas em questão da filosofia e o respeito. Não é só o corpo, é a mente também.” (Aluno 4)*

Essa fala vai ao encontro do que os autores Souza Jr. et al. (2010) pregam. Eles afirmam, em seu trabalho, que as Lutas têm maior efetividade na questão dos valores a serem ensinados no âmbito escolar, desenvolvendo no aluno habilidades como disciplina, autodomínio, autocontrole emocional, respeito, superação dos próprios limites e concentração.

Finalmente, a satisfação dos alunos em relação ao ato de socar e chutar foi marcante. Eles demonstravam prazer e libertação, sentiam-se leves porque liberaram energia ao aplicarem as técnicas dos golpes. Podemos notar isso a partir da fala do Aluno 6: *“Chutar e socar faz a gente se sentir mais leve”*.

#### 4.1.2 Dificuldades encontradas nas aulas de Karatê

As maiores dificuldades encontradas pelo acadêmico-pesquisador estiveram relacionadas à falta dos equipamentos específicos das artes marciais, tais como aparadores, luvas e escudos, lembrando que quem levou os equipamentos para a aula foi o próprio pesquisador.

Outra dificuldade que poderia ser citada é o local adequado para a modalidade. O pesquisador conseguiu reservar o Dojô/Tatame do Centro de Desportos da UFSC, mas caso essa reserva não fosse feita o local onde seria feita a prática seria inadequado. Porém, Barros e Gabriel (2011) defendem a ideia de que não se deve interpretar a falta de materiais e de locais adequados como uma dificuldade, pois o professor de Educação Física tem os deveres de buscar adaptações aos materiais e de conferir sentido às práticas realizadas.

Durante as aulas de Karatê, o acadêmico-pesquisador observou alguns comentários de alunos relacionados com a dor que estavam sentindo ao segurar os aparadores para seus colegas chutarem. Isso ocorreu pelo fato de que, para a maioria da turma, havia sido o primeiro contato com a modalidade. Além disso, a turma nunca tinha feito algo parecido com o que foi solicitado. Assim, a falta de familiaridade com as técnicas e com os equipamentos pode ter gerado desconforto no primeiro encontro.

*“Eu percebi que não tenho muita flexibilidade para segurar a manopla, então doeu meu ombro.” (Aluno 5)*

Neste sentido, vale a pena ressaltar que o intuito da pesquisa não era procurar jovens talentosos, nem mesmo transformar algum aluno em um lutador profissional, até mesmo porque esse papel não deve ser da Educação Física escolar. De acordo com os PCNs (1998), por mais que estejamos trabalhando com movimentos e gestos técnicos, o objetivo da escola é formar cidadãos éticos e autônomos que se apropriem da cultura corporal de movimento – que neste caso são as Lutas. Por meio das Lutas, o acadêmico-pesquisador buscou, a todo momento, trabalhar esses valores e conceitos.

## 4.2 MUAY THAI

O segundo tópico trabalhado com a turma foi o Muay Thai. No início da primeira aula, realizou-se um diálogo com a turma e uma breve introdução sobre o contexto/conteúdo histórico do Muay Thai. Na sequência, expuseram-se alguns conceitos e suas filosofias, assim como alguns rituais dessa arte marcial.

O segundo momento da aula foi marcado por alongamentos e, posteriormente, por aquecimentos específicos deste tipo de luta. No terceiro momento, a turma vivenciou algumas posições básicas como a base de luta, um pouco mais em pé, a base das mãos em relação ao corpo e a postura dos pés. Na sequência, os alunos conheceram alguns golpes básicos do Muay Thai: Jab, direto, joelhada e chutes laterais. Com todos esses conceitos e gestos motores trabalhados com os alunos, o pesquisador adotou uma postura cuidadosa e atenciosa em relação a tudo que estava sendo compartilhado com os alunos, desde as falas colocadas até a demonstração dos golpes. De acordo com Tani (1989), os indivíduos que ingressam em aulas de Lutas têm seus níveis de conhecimento e habilidade variadas, experiências de vida e corporais diferentes, características e aptidões heterogêneas e suas expectativas de aprendizagem são de maneiras diversas. Desta forma, o professor tem o dever de se fazer entender por todos, ou procurar chegar o mais próximo disso. É papel do mesmo, também, estimular a motivação de seus alunos e buscar ao máximo a interação dos mesmos.

No último momento da aula foi feita a roda pedagógica, assim como em todas as aulas das três modalidades ministradas aos alunos. A estrutura da conversa foi semelhante às anteriores, sendo direcionada por perguntas sobre a percepção dos alunos diante do conteúdo de Lutas e qual a relevância da Educação Física sobre este assunto.

Na segunda aula de Muay Thai, o acadêmico-pesquisador contou com a presença de alguns atletas profissionais da equipe de Muay Thai Rangel Farias, que no primeiro momento foram apresentados à turma e, na sequência, auxiliaram no decorrer da aula.

O segundo momento foi marcado por alongamentos e, posteriormente, aconteceu um pega-pega aranha, onde o pegador e os demais alunos só podiam se deslocar em quatro apoios (mãos e pés). Para pegar o outro colega, era necessário que o pegador puxasse uma das bases de apoio do “fugitivo”, fazendo com que o mesmo perdesse sua base, vislumbrando a atividade como um jogo de Luta (OLIVER 2000, p. 18). Nas Lutas, são utilizadas atividades de imobilização, contusão e técnicas de desequilíbrio, combinando movimentos de ataque e defesa (BRASIL, 1998). No entanto, Oliver (2000) defende a ideia de que esse tipo de atividade possibilita a ludicidade e a realização de movimentos

mais simples e não violentos. Assim, os alunos têm o privilégio de ter o contato com esse conteúdo rico (Lutas) nas aulas de Educação Física.

No terceiro momento, a turma foi dividida em dois grupos (A e B). No grupo A os alunos foram divididos igualmente, onde alguns alunos seguraram o escudo e os demais aprenderam a técnica do chute (frontal e lateral). Após o tempo determinado pelo pesquisador houve alternância, de modo que quem havia segurado o escudo passava a chutar e quem chutava passava a segurar o escudo. No grupo B aconteceu outra dinâmica: os alunos também foram divididos igualmente, alguns seguraram a manopla e os outros realizaram os golpes aprendidos na aula anterior (Jab e direto). Após o tempo determinado pelo pesquisador, alterou-se quem segurava e quem golpeava. Finalmente, foram alternados os participantes do grupo A e B. De acordo com Rufino e Darido (2015), a dimensão procedimental do ensino das Lutas na escola condiz com os procedimentos, os movimentos e os gestos técnicos (socos e chutes) executados na modalidade, tanto individualmente, em duplas ou em grupo. Essa dimensão, que corresponde ao “Saber fazer”, tem que estar evidente nas aulas de Educação Física (assim como as outras duas dimensões – atitudinal e conceitual). A aula foi, então, finalizada com a roda pedagógica proposta pelo acadêmico-pesquisador.

#### 4.2.1 Pontos positivos das aulas de Muay Thai

Um dos principais pontos positivos sobre as aulas de Muay Thai foi a expectativa dos alunos em relação às aulas, pois sabiam que o acadêmico-pesquisador é atleta profissional e professor da modalidade. Foi, sem dúvida, a modalidade com a qual os alunos mais se identificaram e se mostraram participativos.

*"Querida fazer Muay Thai professor, aonde tu dá aula?" (Aluno 5)*

*"Tem academia de Muay Thai em Palhoça?" (Aluno 8)*

*"Querida mais Lutas na Educação Física." (Aluno 11)*

Outro ponto positivo, que de certa forma propiciou maior fluidez no andamento das aulas, foi a presença de alunos na turma que já tinham experiência com o Muay Thai e de outros que estavam praticando. Os mais experientes auxiliavam o acadêmico-pesquisador e, conseqüentemente, ajudavam os demais alunos na prática.

Eram inúmeras as perguntas realizadas pelos alunos ao pesquisador sobre a modalidade, e ficava visível que os alunos tinham proximidade maior com essa modalidade. Isto pode ser observado através das perguntas dos alunos 13 e 17, respectivamente:

*“Como funciona a ordem de graduação?” (Aluno 13)*

*“Tu demoraste quanto tempo pra pegar a faixa preta professor?”  
(Aluno 17)*

Quatro alunos relataram ao acadêmico-pesquisador que seus parentes estavam praticando Muay Thai e que tinham notado uma mudança no comportamento dos mesmos. Os alunos 1, 14, 17 e 18 mencionaram, especificamente, que estavam menos estressados, mais carinhosos e mais atenciosos.

*“Meu pai, minha mãe e meu tio fazem Muay Thai. Eles emagreceram e ficaram mais bonitos depois que começaram a fazer Muay Thai. Estou brincando, eles estão respeitando mais e aprenderam a escutar mais.” (Aluno 1)*

*“Conheço o Muay thai pelo meus colegas de sala.”(Aluno 14);  
“Meus primos faziam.” (Aluno 17)*

*“Conhecia pela tv e rede sociais.” (Aluno 18)*

A percepção dos alunos em relação à prática foi bem interessante. Alguns alunos alegaram sentir-se empoderados e satisfeitos ao realizarem as atividades propostas pelo acadêmico-pesquisador. Isto pode ser identificado nas falas dos alunos 4 e 8, respectivamente:

*“Senti adrenalina! Parecia que eu tinha as coisas sob controle, tá ligado?” (Aluno 4)*

*“Senti conforto, eu senti que estava no controle e que eu podia fazer tudo. Me senti, sei lá... emponderada! Eu gostei de dar soco e joelhada.” (Aluno 8)*

Finalmente, o ponto positivo mais significativo para o pesquisador foi a aproximação dos atletas profissionais da equipe de Muay Thai Rangel Farias com os alunos do 9º ano B, deixando uma reflexão para os alunos sobre o esporte de contato (Lutas), sobre como o esporte pode influenciar a vida de uma pessoa. Os atletas trouxeram as histórias de suas vidas e tiveram um diálogo com as crianças. Os alunos se mostraram muito curiosos, realizando perguntas a todo instante aos atletas. O acadêmico-pesquisador selecionou duas dessas perguntas para compartilhar:

*“O que vocês faziam antes de entrar na luta?” (Aluno 1)*

*“É muito difícil a vida de atleta?” (Aluno 15)*

Para Breda et al (2010), as Lutas ganharam maior visibilidade no Brasil, na década de 1970, especialmente por causa de filmes chineses sobre o tema. As Lutas, nessa época, foram exibidas ao público brasileiro de maneira irreal, onde os atores poderiam até voar. Além disso, por muitas vezes o espectador brasileiro entendia que aqueles movimentos eram extremamente violentos. Porém, percebemos que as Lutas têm passado por um processo gradual de desmistificação, pois atualmente já não são vistas dessa maneira violenta. De fato, o entendimento que os alunos participantes tinham sobre as Lutas se mostrou contrário ao que o autor imaginava, pois os alunos não percebiam as Lutas como algo violento e sim como “refúgio”, onde poderiam se desestressar ou conhecer uma nova modalidade esportiva. Gomes (2008) defende a ideia que as características de tradição e filosofia são atrativos para os alunos que buscam uma modalidade. Estas práticas vêm crescendo em relação ao número de

praticantes e espectadores. A autora defende, ainda, que a popularidade das modalidades aumenta o interesse de vários grupos populacionais (crianças, mulheres, homens, idosos e pessoas com deficiência). Além disso, de acordo com a autora, as Lutas estão enraizadas nos clubes e academias (educação não formal), sendo fragmentada em modalidades que preservam suas e que buscam formar alunos cidadãos, atletas ou até mesmo futuros mestres.

#### 4.2.2 Dificuldades encontradas nas aulas de Muay Thai

Apesar de o acadêmico-pesquisador ter grande experiência com a modalidade, teve grande dificuldade em encontrar produção científica envolvendo o Muay Thai na Educação Física escolar. Correia e Franchini (2010), analisaram a carência de produção científica em Lutas, artes marciais e modalidades de combate no Brasil. Os autores analisaram 11 periódicos nacionais no período de 1998 até 2008, e os resultados indicaram que entre o total de 2.561 trabalhos publicados, apenas 75 (2,93%) abordaram a temática das Lutas, artes marciais e modalidades esportivas de combate.

Outra dificuldade encontrada foi a falta de equipamentos específicos das artes marciais, tais como aparadores, escudos e luvas. Todo o material utilizado nas aulas foi o próprio pesquisador quem levou. A falta de um espaço adequado dentro da escola dificultou a pesquisa, porém o acadêmico-pesquisador conseguiu reservar o Tatame/Dojô do CDS/UFSC para a realização das aulas.

O acadêmico-pesquisador observou maior cansaço dos alunos nas aulas de Muay Thai. Os mesmos alegavam que a modalidade exige bastante da aptidão física das pessoas. Outros alunos sentiram dor ao segurarem os aparadores para a prática. As dificuldades encontradas são exemplificadas pelas falas a seguir:

*“Dor nas pernas.”* (Aluno 11)

*“Me senti muito cansado.”* (Aluno 4)

*“Eu acho que eu tenho problema no coração (risos).”* (Aluno 5)

*“É sério, fiquei muito cansada.”* (Aluno 17)



### 4.3 JIU-JITSU

A aula aconteceu no Tatame/Dojô do CDS. Na parte inicial, realizou-se a contextualização histórica do Jiu-Jitsu, abordando aspectos como o histórico, as principais competições, os principais atletas e o sistema de graduação. Na sequência, aconteceu o aquecimento dinâmico utilizando movimentos prévios da modalidade.

No segundo momento, o professor demonstrou alguns fundamentos básicos do Jiu-Jitsu como o rolamento frontal, lateral e para trás e a fuga de quadril. Depois, promoveu movimentos mais complexos da modalidade, como a passagem de guarda ou a raspagem. Todos os exercícios foram demonstrados pelo professor e, na sequência, praticados pelo grupo.

No último momento da aula foi realizada a roda pedagógica, durante a qual se realizaram perguntas sobre a percepção dos alunos diante do conteúdo de Lutas e qual a relevância da Educação Física sobre este assunto. A avaliação da aula foi feita através de uma conversa dirigida sobre o tema proposto, buscando identificar se os alunos haviam conseguido cumprir com os objetivos da aula.

Segundo Kunz (1994), o movimento com a falta da subjetividade de quem o realiza significa alienação, motivo pelo qual o indivíduo tem que saber o porquê está fazendo determinado gesto. Isso vai ao encontro do ensino do Jiu-Jitsu, onde cada detalhe faz muita diferença em sua prática. O aluno tem que compreender o porquê de cada posição para que, assim, possa compreender o verdadeiro sentido da modalidade.

#### 4.3.1 Pontos positivos das aulas de Jiu-Jitsu

De maneira geral, observamos que os alunos apresentaram grande interesse na modalidade. Entretanto O Jiu-Jitsu não teve tanto êxito quanto as demais pelo fato de requerer de uma técnica muito refinada. O tempo curto de intervenção, portanto, não permitiu ao acadêmico-pesquisador a oportunidade de ensino tão específica. Apesar de todas as dificuldades encontradas, as aulas foram excelentes oportunidade para refletir sobre o preconceito encontrado

dentro das Lutas, tanto de gênero quanto de conceito. Para Rufino e Darido (2015), a escola deve ser um espaço de discussão e reflexão dos alunos e professores sobre opiniões preconceituosas, com o objetivo de dar novos significados em determinadas crenças, em favor de uma visão mais humana e crítica.

#### 4.3.2 Dificuldades encontradas nas aulas de Jiu-Jitsu

Como já mencionado nas aulas das outras modalidades, algo que facilitou a execução das atividades foi a oportunidade de utilizar o Tatame/Dojô do CDS/UFSC. Dentro da escola na qual ocorreu a pesquisa não havia um local adequado para prática da modalidade. Segundo Carreiro (2005), as Lutas encontram maior resistência dos professores, que argumentam ter dificuldade em desenvolver este conteúdo de ensino pela falta de espaço, falta de vestimentas específicas e falta de materiais. Por se tratar de uma modalidade que requer a vestimenta específica *Kimono*, nenhum aluno teve acesso para utilização nas aulas. Neste sentido, todos realizaram as aulas com as roupas confortáveis que habitualmente utilizam para praticar as aulas de Educação Física. Embora reconheça-se que a falta da vestimenta não impeça a ministração do conteúdo, ela dificulta a realização de algumas técnicas específicas para as quais seria necessário utilizar a gola ou a manga do *Kimono*.

Embora o acadêmico-pesquisador tenha apresentado a modalidade e as técnicas básicas, os alunos tiveram muita dificuldade na execução. Com isso, o tempo da primeira aula ficou restrito a essa aprendizagem das técnicas básicas de rolamento e fuga de quadril. Além disso, o acadêmico-pesquisador precisou estar mais atento na execução dos alunos para evitar qualquer tipo de lesões – o risco era maior por se tratarem de movimentos que utilizavam o pescoço, o quadril e a coluna. As dificuldades percebidas pelos alunos estão representadas nas falas a seguir:

*"É muito difícil fazer isso, professor" (Aluno 7)*

*"Eu não vou fazer isso" (Aluno 16)*

*"Gostei mais do Muay Thai" (Aluno 2)*

Outra dificuldade – que foi uma surpresa para o acadêmico-pesquisador – foi o preconceito com a modalidade. De maneira geral, a maioria dos alunos não se engajou apropriadamente, em muito pelo fato de se tratar de uma luta “agarrada” onde há mais contato do que nas modalidades anteriormente vivenciadas. Quando ocorreu a demonstração da técnica Raspagem e passagem de guarda, os alunos riram e ficaram envergonhados pela posição demonstrada. Foi quando o pesquisador interveio e parou a aula para uma reflexão e para a explicação das situações ali encontradas. Arruda e Souza (2014) defendem a ideia que o processo de ensino-aprendizagem, quando adequadamente estruturado, considera as singularidades de cada aluno ou praticante e contribui não só para aprender as técnicas, mas também valores como a superação dos próprios limites. Esta superação pode ser refletida na desconstrução de estereótipos que colocam a modalidade com uma imagem vulgarizada, conhecida como “agarra, agarra de machos”.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As aulas ministradas se fundamentaram na perspectiva das três dimensões do conteúdo propostas por Coll et al (2000): conceitual (o que se deve saber?), procedimental (o que se deve fazer?) e atitudinal (como se deve ser?). No que diz respeito à dimensão conceitual, o acadêmico-pesquisador trouxe aspectos históricos e conceitos de cada modalidade (Karatê, Muay Thai e Jiu-Jitsu), os quais eram discutidos falados no começo de cada aula, onde os alunos poderiam interromper a todo o momento para sanar qualquer tipo de dúvida ou curiosidade. Na dimensão procedimental, o pesquisador procurou ensinar os golpes básicos de cada modalidade de maneira mais ampla, fazendo com que a metodologia de ensino da técnica fosse alcançável por todos os alunos presentes. Finalmente, na dimensão atitudinal o acadêmico-pesquisador procurou trabalhar os valores que estão inseridos na filosofia das Lutas, trazendo o respeito ao próximo, a disciplina, a cooperação e a empatia. Através disso, os planos de aula seguiram estas etapas, onde o pesquisador introduziu as dimensões em forma de brincadeiras, técnicas de Lutas e atitudes tomadas em relação às aulas. O acadêmico-pesquisador concluiu, através das aulas ministradas, que as dimensões estão interligadas em todo processo de ensino-aprendizagem. Independentemente do conteúdo, basta o professor se apropriar e ter o *feeling* necessário da aula para ter propriedade e conseguir intervir de maneira correta.

O acadêmico-pesquisador conclui que os alunos foram receptivos com as modalidades de Lutas propostas. Porém, nem todos tiveram acesso a estes esportes nas escolas em que estudaram e nas vivências fora do âmbito escolar. Além disso, foi positivo o fato de nenhum aluno relacionar as Lutas a algo agressivo; pelo contrário, os alunos perceberam as Lutas como algo positivo, relacionando a aspectos como defesa pessoal. Na percepção dos participantes, as Lutas são uma nova perspectiva a ser introduzida no seu cotidiano e nas aulas de Educação Física escolar.

Observou-se, por meio dos dados coletados, que os alunos tinham grande interesse pela filosofia das Lutas/Artes Marciais, pois ficavam fascinados principalmente pelo histórico de cada modalidade e por seus rituais. Além disso, conseguimos perceber sentimentos como prazer ao praticar, empoderamento,

autoestima elevada e a satisfação em poder liberar energia de outra maneira dentro das aulas de Educação Física.

Conclui-se a culpa pela falta de vivência de conteúdo dentro da Educação Física é de um conjunto de fatores deficitários, dentre os quais se destacam: formação profissional deficiente com relação ao conteúdo das Lutas, preconceito existente na sociedade, falta de infraestrutura das escolas e expectativa dos alunos e da comunidade sobre o papel da Educação Física na escola. Este quadro necessita ser revertido, pois os alunos têm direito de apropriação desses conteúdos no período de educação formal dentro das escolas. É dever do professor, portanto, ensinar esse conteúdo e não restringir sua prática a apenas uma ou duas modalidades. Assim, a pergunta que deve ser feita agora é o que e como ensinar o conteúdo de Lutas na escola, e não mais se é possível fazê-lo. O papel da escola não é formar atletas, mas oportunizar aos alunos a prática desse conteúdo, formando cidadãos que se apropriarão da cultura corporal em suas diferentes formas de manifestação, sendo as Lutas uma delas.

Percebe-se a importância desse processo porque é o momento no qual o acadêmico consegue colocar em prática todos os ensinamentos da graduação. A intervenção oportuniza a vivência da prática de um professor, as dificuldades que podemos encontrar, que vão desde as fundamentações de um plano de aula até as intervenções propriamente ditas, mas que são de fundamental importância para o crescimento profissional e pessoal. O convívio com os alunos e professores da instituição trouxe novas experiências e aprendizados, tornando a realização deste estudo muito prazerosa para seu autor.

Os limites encontrados na pesquisa podem ser definidos como: Apenas uma instituição de ensino investigada e somente 6 aulas de intervenção (pouco período de tempo).

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, M. M. A produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate: reflexões e possíveis encaminhamentos. **Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício**, São Paulo. V.11. n.63. p.921-924, 2016.

ARRUDA, P. D. P.; SOUZA, B. J. Jiu-jitsu: uma abordagem metodológica relacionada à quebra de estereótipos. **Revista Redfoco**, Natal, v. 1, n. 1, p. 67-89, 2014. Disponível em: <<http://www2.uern.br/index.php/redfoco/article/view/954/518>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

BARBOSA, G. L. S. et al. O caderno de campo como instrumento de reflexão para a formação inicial de professores de Química. **Scientia Plena**, v. 13, n. 5, p. 1-12, 19 abr. 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, A. M.; GABRIEL, R. Z. Lutas. In: DARIDO, S. C. (Org). **Educação física escolar: compartilhando experiências**. São Paulo: Phorte, 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Rede Nacional do Esporte. **Lutas**. 2016. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/megaeventos/olimpiadas/modalidades/Lutas>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação Física escolar: Uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, v. 1, n. 1, p.73-81, 2002. -. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1363/1065>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

CARREIRO, E. A. Lutas. In: DARIDO, S. C. **Educação Física escolar: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 316 p.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE MUAY THAI. **Confederação Brasileira de Muay Thai**. 2018. Disponível em: <<http://www.cbmuaythai.com.br/cf/extra.asp?id=1#.Wx6D2UgvzIU>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE KARATÊ. **Karatê do Brasil**. 2018. Disponível em: <<http://www.KaratêdoBrasil.com/>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO. 2018. Disponível em: <<http://www.ca.ufsc.br/historico-do-ca/>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

COLL, C. et al. **Os conteúdos na reforma**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DARIDO, S. C.; SOUZA JR., O. M. **Para ensinar a Educação Física: possibilidades de intervenção na escola**. Campinas: Papyrus, 2007.

DARIDO, S. C. Educação física na escola: conteúdos, suas dimensões e significados. In: Universidade Estadual Paulista. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 51-75, v. 16. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41549/1/01d19t03.pdf>  
Acesso em: 08 abr. 2018.

GRACIE MAG. **The Original Jiu-Jitsu Magazine since 1994**. 2018. Disponível em: <<http://www.graciemag.com/historia-do-jiu-jitsu/>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MAURI, T. O que faz com que o aluno e a aluna aprendam os conteúdos escolares? In: COLL, C. et al. **O construtivismo em sala de aula**. São Paulo: Ática, 2001. 224 p.

MAZZONI, A. V.; OLIVEIRA JR., J. L. Lutas: da pré-história a pós-modernidade. **Grupo de Pesquisas em Educação Física**, São Paulo, 2011. Disponível em: <[http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda\\_2011\\_04.pdf](http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda_2011_04.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2018.

MOZZATO, A. R.; GRZYBOVSKI, D. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: Potencial e desafios. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 15, n. 4, p.731-747, ago. 2011. Bimestral. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rac/v15n4/a10v15n4.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2018.

OLIVIER, C. **Das brigas aos jogos com regras: enfrentando a indisciplina na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

QUEIROZ, André Magalhães. A construção da disciplina Educação Física ao longo da história no ambiente escolar. **Efdeportes**, Buenos Aires, v. 1, n. 172, p.1-1, set. 2012. Mensal. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd172/a-educacao-fisica-ao-longo-da-historia.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. Possíveis diálogos entre a Educação Física escolar e o conteúdo das Lutas na perspectiva da cultura corporal. **Revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp**, Campinas, v. 11, n. 1, p.145-170, 2013.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. **O ensino das Lutas na escola: possibilidades para a Educação Física**. Porto Alegre: Penso, 2015.

SOUZA JR., T. P; OLIVEIRA, S. R. L; DOS SANTOS, S. L. C. Artes Marciais, Esportes de Combate ou jogos de oposição? **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Revista Digital. Buenos Aires, v. 15, n. 158, 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd148/artes-marciales-o-jogos-de-oposicion.htm>. Acesso em: 08 abr. 2018.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Metodologia da pesquisa**. 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2009.

ZABALA, A. Os enfoques didáticos. In: COLL, C. et al. **O Construtivismo em sala de aula**. São Paulo: Ática, 2001.